

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS			CÓDIGO DA FICHA		
ANEXO			MT	01	02
BENS CULTURAIS INVENTARIADOS				2008	F1
				A3	
			UF	SÍTIO	LOC.
				ANO	FICHA
					NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	A Festança
LOCALIDADE	Vila Bela da Santíssima Trindade
MUNICÍPIO / UF	Vila Bela da Santíssima Trindade/MT

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Festança ou Festa do Divino ou Festa de São Benedito ou Festa do Congo				IDENTIFICADO	1
					SIM NÃO	
TIPO	☒ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1835 (conforme informação oral e cartazes)	LUGAR	Região central da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT		
DESCRIÇÃO	A Festança é promovida pelos festeiros das Irmandades do Divino Espírito Santo, de São Benedito, da Mãe de Deus e da Santíssima Trindade para homenagear os santos de devoção, segundo a tradição recebida pelos antepassados. Compreende a realização de ritos de invocação religiosa afro-brasileira, que tem sua origem no culto de santos de devoção católica dos portugueses, tendo sido, mais tarde, assumido pelos negros vindos da África, no momento que as autoridades portuguesas se mudam para Cuiabá, ficando somente os negros. Há registros que apontam para a realização da Festança em meados de julho desde 1734, conforme os Anais de Vila Bela de 1734. A Festança é aberta com a primeira reza cantada em preparação às celebrações religiosas, que envolvem os festeiros das Irmandades e toda a comunidade local, e acontecem de acordo com o calendário litúrgico, no domingo da Santíssima Trindade. Nessa missa – denominada de Missa das Jóias – recolhe-se durante o ofertório, a contribuição dada pelos festeiros do Divino para a paga dos serviços do padre que celebrará as missas durante a Festança e compra das velas que serão acesas no altar. Cada vela nas cores remissivas aos santos homenageados: Divino – branca e vermelha; São Benedito – branca e azul royal, Mãe de Deus – azul celeste, Três Pessoas – branca e amarela. Durante 12 dias, há rezas cantadas e ladainhas nos dias da semana, sendo oferecido, após as rezas, o tradicional beseque – biscoitos, bolachas tradicionais e bebidas licorosas – canjinha, leite de tigre. No 1º domingo da semana de início da Festança, na segunda-feira e na terça-feira, após esse domingo e, no domingo seguinte, acontecem as missas em louvor aos santos. Nesses dias são oferecidos gratuitamente almoços e jantares pelos festeiros à comunidade local e aos visitantes. Com exceção do último dia da Festança, serve-se apenas o almoço. Conforme relatos, antigamente os almoços e jantares eram oferecidos nas casas dos festeiros, depois em razão da quantidade de pessoas – principalmente turistas – passou-se a ser servido num clube, denominado “Pau do Meio” e, hoje, no Centro Comunitário da cidade. Para isso, há a tirada de esmolas pela folia do Divino, que era bem mais cedo, agora é em junho. “Antigamente começava com o Espírito Santo no domingo. Na segunda e terça-feira era São Benedito; na quarta-feira N. S. Mãe de Deus; na quinta-feira N. S. do Carmo; na sexta-feira N. Sra. do Rosário; no sábado era N. Sra. da Conceição. Aí as Três Pessoas no domingo”. A partir de 2008, a Festa da Mãe de Deus é retomada, sendo incluída novamente na programação da Festança. O período de realização da Festança era setembro, outubro, época da					

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

	seca, o que permitia aos ribeirinhos participarem das festividades. Além disso, setembro a outubro coincidia de serem os meses de folga dos escravos que já haviam feito a colheita e preparado a terra para novo plantio. Nesse ínterim, aproveitavam a folga para comemorar a colheita e receberem os sacramentos da igreja católica (casamento, batismo etc). Devido à dificuldade de acesso o padre visitava anualmente as comunidades e arredores a cavalo. Ia à Vila Bela e demais comunidades pertencentes à prelazia de Cáceres para a “desobriga”, isto é, nessa ocasião os padres aproveitavam para realizar batismos, casamentos. Há aproximadamente 30 anos, a Festança tem sido realizada na 3ª semana de julho, de modo a facilitar a participação dos jovens vila-belenses e demais familiares que moram fora por motivo de estudos ou trabalho. Sua manutenção até hoje se deve à transmissão da tradição pelos antepassados. Porque as pessoas eram analfabetas, não havia registro escrito, e a marcação das datas se fazia pela leitura dos sinais da natureza: lua, flores etc. Todavia, com a morte dos mais antigos, a fim de se evitar perda de informações sobre a tradição, a partir de 2006, os membros das Irmandades – por meio de seus presidentes – com base no conhecimento oral, registraram as atribuições e ritos relativos a cada uma das Irmandades, em forma de Regulamento. 40 dias antes da Festança, acontece a tirada de esmolas pela Folia do Divino, com saída em frente à Igreja Matriz. Seu início é na zona rural, terminando na cidade, no terceiro dia da semana em que se realiza a Festança – na sexta-feira da Alvorada do Divino e de São Benedito. Cabe observar que, em 2008 houve atrasos por falta de transporte para conduzir os foliões à zona rural. A folia do Divino é composta por um sanfoneiro, um violeiro, um caixeiro (tocador de tambor) e um grupo de 6 cantores, meninos entre 10 e 17 anos, aproximadamente. Os foliões ensaiam, num período de uma semana, durante três dias, para seleção dos foliões que entoarão os cânticos que serão cantados na tirada de esmolas e durante a Festança. No último dia da Festança 2008, os novos festeiros de 2009 receberam, na transmissão de posse, o Regulamento relativo às Irmandades. A Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade continua sendo hoje uma manifestação de resistência dessa comunidade negra que, a cada realização, celebra sua identidade e origens negras.					
REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade	Nº 1, 3, 5, 6, 9, 10, 11, 14, 16, 20, 21, 29, 41, 42			Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Astrogilda Leite de França, Claudete Ferreira Coelho, Deize Coelho de Barros, Evanilce França, Elves Frazão, Nemézia Profeta Ribeiro, Gregória Marques Ramos, Elíso Ferreira de Souza	Nº 5, 9, 10, 13, 15, 23, 18, 14			Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

2.2. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO		Palácio dos Capitães-Generais (atual Museu Municipal)			IDENTIFICADO		2
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1752-1769 (conclusão da obra)	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	Erguido para ser a sede dos Capitães-Generais em Vila Bela da Santíssima Trindade, o tombamento do Palácio data de 13/06/1988, conforme livro Histórico vol. 2, nº de inscrição 526, folha 9 do livro do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Edificado sob as ordens do primeiro Capitão-General, Antonio Rolim de Moura, o Conde de Azambuja, a 15 de abril de 1752, o Palácio mantém sua estrutura original: é uma casa térrea, de pedra canga e seus interiores eram profusamente decorados com pinturas e trabalhos em talha aplicada e dourada. Tão vastas eram as proporções do prédio que serviria de residência aos governadores que sua construção foi interrompida várias vezes, visto que os recursos locais eram escassos para sua conclusão. A primeira dessas interrupções deu-se em 1754, quando o grande edifício já contava com cinco compartimentos inteiramente construídos, dos quais dois deles eram ocupados pelo próprio governador e os três restantes, pelos oficiais da Câmara e os da Justiça que ali funcionavam. O plano da “Villa” foi montado em Portugal e os projetos das casas, no Rio de Janeiro. Entretanto, o governador foi obrigado a adaptar os projetos às condições do lugar. As casas residenciais foram simplificadas no que dizia respeito a sobrados, os alicerces foram reforçados, as paredes alargadas. Além disso, sucederam-se as construções de pau-a-pique e cobertura de capim. Apenas se exigiu que as casas obedecessem aos traçados das ruas com 70 palmos de largura e ao alinhamento no limite fronteiro dos terrenos. Parte do material vinha de locais distantes, com transportes difícil, caro e demorado. A pedra canga, utilizada nos alicerces do palácio, dos quartéis, das casas, da igreja e dos baldrames do porto, vinha de longe. A cal provinha de Cuiabá e do Pará. As telhas eram de fora. Apesar da interrupção por falta de ouro na Provedoria, por epidemias gerais, por demora e chegada dos materiais que provinham de longe, por falta de mão-de-obra, por dificuldades de abastecimento, ao final, no fim de 1752, a vila contava com 16 moradas entre aquelas construídas e as em fase de construção. Juntamente com a Câmara Municipal, a Cadeia, a Casa de Fundação, o Quartel dos Dragões, a Matriz da Santíssima Trindade, a Igreja de Santo Antonio dos Militares e a de Nossa Senhora do Carmo, o Palácio dos Capitães-Generais formava o núcleo primitivo da vila denominada Vila Bela da Santíssima Trindade, fundada em 19 de março de 1752 para servir de capital da nova Capitania de Mato Grosso. E 1980 o Palácio, remanescente da arquitetura luso-brasileira do século XVIII, foi restaurado pela então Fundação Nacional Pró-Memória, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 1985, recebeu nova reforma geral em preparação à instalação do Museu. Em 1986, instalou-se ali por dezesseis anos a Prefeitura de Vila Bela. Hoje funcionam a Secretaria de Turismo, o Museu e a Biblioteca Municipais.						
REGISTROS	Edificações de Vila Bela da Santíssima Trindade			Nº	Cf. Anexo 2		
CONTATOS	Astrogilda Leite de França, Elisio Ferreira de Souza, Zeferino Profeta da Cruz, Nazário Frazão de Almeida, Nemézia Profeta Ribeiro			Nº5, 12, 27, 22, 23	Cf. Anexo 4		

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ruínas da Igreja Matriz da Santíssima Trindade				IDENTIFICADO		3
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1755/56 construção)	(1ª	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT		
DESCRIÇÃO	As ruínas da Matriz é um marco histórico que nos reporta ao período de expansão da colonização portuguesa. Suas paredes em adobes de cantaria em pedra canga foram erguidas pelos negros escravos e, juntamente com as igrejas de Santo Antônio dos Militares e de Nossa Senhora do Carmo, também em ruínas, formam um conjunto representativo das edificações religiosas erguidas em Vila Bela, cuja fundação se deu em março de 1752 pelo Capitão-General Antonio Rolim de Moura. Anterior às ruínas que ainda hoje podem ser vistas em Vila Bela, houve duas outras igrejas. A primeira, foi edificada por volta de 1755/56, com recursos reunidos pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, era de pau-a-pique, coberta de telha e localizava-se no lado ocidental da praça principal; a segunda, cuja construção teve início em 1771, localizava-se no mesmo ponto da anterior, pouco se sabe sobre sua história, contudo, não há dúvidas que em 1789 estava arruinada, visto que no Plano desse ano haviam as seguintes legendas para o local da matriz: "G- Barraca que serve de matriz", "I – Matriz arruinada e cemitério". Quanto à terceira matriz, agora localizada ao norte da praça, teve sua edificação iniciada em 1793 mas nunca fora concluída provavelmente em razão da decadência de Vila Bela. Conforme consta no livro Histórico vol. 2, nº de inscrição 526, folha 9 do livro do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, as ruínas da Igreja Matriz da Santíssima Trindade, em Vila Bela da Santíssima Trindade, foram tombadas como patrimônio cultural nacional em 13/06/1988. (Consulta ao Texto informativo da 14ª SR/18ª Sub-regional do IPHAN/MT, de autoria de Marcus Vinícius De Lamônica Freire e Cláudio Quoos Conte)						
REGISTROS	Ruínas da Igreja Matriz da Santíssima Trindade				Nº6, 32, 35	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Astrogilda Leite de França, Elísio Ferreira de Souza, Zeferino Profeta da Cruz, Nazário Frazão de Almeida, Nemézia Profeta Ribeiro				Nº5, 12, 27, 22, 23	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Casa de Dona Astrogilda				IDENTIFICADO		4
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	s/d	LUGAR	Rua Pouso Alegre, 434, no centro de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	A casa de Dona Astrogilda Leite de França ou Astro, como é carinhosamente chamada pelos amigos, fica na Rua Pouso Alegre, 434. Casa de esquina, tendo a Praça Central a sua frente, a Casa faz parte do conjunto arquitetônico do centro histórico tombado pela Secretaria do Estado de Cultura em 1984. O casarão é remanescente de uma arquitetura do século XVIII e faz parte de um conjunto arquitetônico erigido por ocasião da formação do núcleo urbano de Vila Bela. Conforme descrição de Severiano da Fonseca o plano de construção da cidade era o de um quadrado, mais ou menos, formado por quatro quarteirões regulares. Duas ruas paralelas, cortadas perpendicularmente por outras travessas e todas cortando uma praça central, faziam separar os quarteirões. As ruas saíam perpendiculares ao rio; as travessas seguiam na direção do seu curso. O terreno entre as quatro ruas centrais, disposto em cruz, era quase que só ocupado por estabelecimentos públicos. Faziam parte do conjunto arquitetônico urbano o cemitério, a matriz, o Palácio dos Capitães Generais, o Oratório, a Câmara e Cadeia, o Armazém, a capela de Nossa Senhora do Carmo, a igreja de Santo Antônio dos Militares, o Porto e a Casa de Fundação. Dessas edificações permanecem: a Praça Central; o Palácio dos Capitães Generais – sede da Secretaria de Turismo e Museu; algumas edificações típicas da época, onde funcionam estabelecimentos comerciais e residências e ruínas da segunda edificação da matriz da igreja da Santíssima Trindade.						
REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº 47	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Astrogilda Leite de França, Dirce Maria de França Assunção Elizio Ferreira de Souza				Nº 5, 12, 14	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Casalvasco (Fazenda Real)				IDENTIFICADO		5
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1783	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	A povoação de Casalvasco foi fundada em 29 de setembro de 1783, à margem direita do ribeirão Barbados, aos 15° 20' de lat. S. e 3° 17' 52" de long. O da ilha de Ferro, segundo Ricardo Franco. O motivo aparente da fundação de Casalvasco foi para servir de fonte de abastecimento de gado ao distrito de Mato Grosso, e principalmente à Vila Bela, da qual distava cerca de 40 quilômetros. Contudo, segundo narra Estevão de Mendonça em seu livro intitulado <i>Datas Mato-grossenses</i>, o real motivo da fundação de Casalvasco era o de reafirmar os direitos da coroa portuguesa sobre as terras daquela região, amparando, consequentemente a fronteira. Luiz D'Alincourt descreve a povoação de Casalvasco em 1828 nestes termos: "ha ali um palacete, uma capella e casa para alfândega; os quarteis e armazéns são muito bons, bem construídos e arruados, guarneendo também duas praças espaçosas. Todo o districto de Casalvasco contém 1.084 almas, entrandoa guarnição." Hoje Casalvasco (1919, ano de edição do livro de Estevão de Mendonça) já era ruínas, e da fazenda de criação dos tempos coloniais restavam apenas algumas cabeças de gado. Da fundação de Casalvasco Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, na época governador da província de Mato Grosso, fez lavrar o seguinte termo: "Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos oitenta e três aos vinte e nove dias do mez de Setembro, nesta margem direita do Rio dos Barbados, oyto léguas com pouca differença ao Sul da Villa Bella desta Capitania do Matto Grosso, aonde com huma Fazenda e Curral de gado vacum, criações de outros Animas domésticos, Terras lavradas de duma e outra Margem, em que se cultivem e colhem todos os gêneros de lavouras junto do logar em que se acham estabelecidos com casas de vivenda Costodio José da Silva e Bartholomeu Paes da Cruz, e em que pessoalmente se acha tambem presente o Ilmo. e Exmo. Sr. Governador e Capitão General Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres acompanhado do Tenente Coronel de infantaria com exercicio de seu Ajudante de ordens Antonio Felipe de Almeida Serra e Joaquim José Ferreyra, e do Dr. Astrônomo Antonio Pires da Silva Pontes, do Capitão de Cavalaria Auxiliar Manoel Veloso Rebello e Vasconcellos, do Tenente de Infantaria Auxiliar Alexandre Barbosa Faleyro, do Padre Álvaro Loureyro da Fonseca Zuzarte, de toda a sua Guarda Militar de Dragons, e de outras muitas mais Pessoas; sendo neste e já em outros muitos mais annos precedentes em que tambem pessoalmente reconheceu, e muito miudamente examinou todos os Estabelecimentos. Agriculturas, Portos e Sitaçoens deste dito Rio, inteyrando-se de que todos elles erão de mayor vantagem e necessidade à precisa conservação andamento, e ainda administração de Governo da mesma referida Capital, e consequentemente de grande utilidade ao Real Serviço e além destas athé por outras muitas resoens Políticas de igual ou mayor consideração pelo que se deviam promover e consolidar com zelo mais efficaz, e que para em fim convinha muito que se unissem e congregassem os seus antigos, e numerosos moradores que dispersamente o Povoam, cultivam desde mais de vinte annos antes por ambas as sobreditas Margens em grande extenção athé as suas principaes Fontes com Fazenda do Gado Vacum e criações de outros animaes domésticos, Engenhos de Açúcar e Aguardente, e todas as outras qualidades de Lavoura para que com todos os mais que de novoviessem concorrendo para o que se dariam providencias, se encorporassem em Povoação regular, e paragem, que alem de reunir as outras vantagens, e circumstancias atendíveis fosse a todos cômoda; e observando que a mayor parte destas se verificassem melhor do que outro alguém neste intermédio que referido fica da Margem Oriental ou Direita deste dito Rio. Ainda pelos sebeditos Capitaens Engenheiros na forma do Projecto que lhes determinou mandando levantar o plano da referida Povoação; e aplinar e dispor todo o espasso que deve ser occupado; ordenou o fizessem alinhar e demarcar, para o que se achavam promptos Marcos de Pau de Lei e tudo o mais necessário; determinando outrossim que a dita Povoação se denominasse – <i>Casalvasco</i> – e que desde logo consistisse além de hum competente numero de casas em cuja construcção podessem os referidos Moradores logo hir cuydando especialmente na sua frente parallelamente ao rio e a Rumo de						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

Poente, fizessem os mesmos Officiaes juntamente demarcar e alinhar huma Igreja, ou Capella decente e proporcionada para a celebração dos Officios Divinos e administração do Posto Espiritual dos mesmos Moradores; como também huma Casa, e alguns quarteis que logo mandaria construir por conta da Real Fazenda, para que S. Exa. E os mais Senhores Generaes que lhe succedessem com os Officiaes e Guarda que deveriam acompanhillos tivessem aonde se recolher e aquartellar, não sómente quando fossem a visitar estes ditos logares, mas que no Real Serviço da importantíssima deligencia das Demarcaçãoens sobre os terrenos adjacentes das Fronteyras desta dita Capitania que lhe estava encarregadas pelas Soberanas ordens de Sua Majestade em execução do Tratado Preliminar de Limites do primeiro de Outubro de 1777 tivessem por conveniente vir residir nesta dita Povoação; e tendo-se logo executado todas as referidas medissoens, e alinhamentos na sua mesma Presença e todos os sobreditos Officiaes, e mais Pessoas mandou o mesmo Senhor lavrar este Termo para que sendo por elle assinado, e por todos os referidos Officiaes e mais Pessoas, por elle cosnte a todo o tempo da importante Fundação deste novo Estabelecimento, e lugar de CASALVASCO, sendo dele primeyros Moradores os que já de tempo mais antigo povoam com effeito este Rio dos Barbados com o que teve seu principio. O Tenente Coronel Antonio Filipe da Cunha Ponte que também serve de Secretario do Governo, por impedimento do actual, o escreveu. – *Luiz d'Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres – Antonio Filipe da Cunha Ponte – Ricardo Franco de Almeida Serra – Joaquim José Ferreira – Antonio Pires da Silva Pontes – Manoel Veloso Rebello e Vasconcellos – Álvaro Loureiro da Fonseca Zuzarte – Victorino Lopes de Macedo – Manoel Rebelo Leite – Alexandre Barbosa Faleyro.*”

Das narrativas que se tem sobre Casalvasco, conta um viajante antiquário - José Claudino da Nóbrega – que esteve por diversas vezes a negócio em Mato Grosso, que quando Luís de Albuquerque lá um povoado, fez construir ali um palácio para veraneio dos capitães-generais. Trinta anos depois, como veraneio ela cai de uso, sendo a propriedade vendida. Em 1819, o marechal Francisco de Paulo Magesse Tavares de Carvalho é nomeado governador da Capitania. *“Sua esposa, muito gorda e vaidosa, fez o marido comprar novamente o palácio de Casalvasco, para que ela fosse veraneiar todo fim-de-semana. A primeira dama de Vila Bela montava a cavalo, saía com soldados e escravos para ir caçar ou pescar, coisa muito natural nos dias de hoje, mas demasiadamente liberal para os usos e costumes daquela época”*. Porque já haviam comentários desairosos sobre a conduta da primeira dama, seu cunhado, o padre Francisco Xavier de Azevedo Tavares de Carvalho, irmão do marechal, também secretário do governo e vigário da Santíssima Trindade, procurou o irmão e o fez comprar o prédio de Casalvasco pelo preço de 1400\$000, com o propósito de instalar naquele palácio uma escola destinada à catequese. A direção do novo estabelecimento de ensino é entregue a um padre jesuíta, com a supervisão de senhoras da sociedade, tendo à frente a esposa do próprio governador. A primeira dama continuou a montar, mas para cumprir a missão de visitar as tocas e levar crianças indígenas para a nova escola, e não mais para as extravagantes caçadas. Diz o viajante que o padre possuía uma velha imagem de Santo Antonio que foi levada para a nova escola e, quando os meninos não queriam obedecer ao mestre, o jesuíta ia ao fundo da sala, colocava a mão esquerda à mola existente atrás do capuz do hábito e perguntava: “Santo Antônio, não é pecado menino atirar pedras no telhado do vizinho?”. ‘Santo Antônio, com seus olhos piedosos balançava a cabeça afirmativamente’ e as crianças, atemorizadas, acabavam obedecendo ao jesuíta. Em razão dos rumores de mudança da capital para Cuiabá, a catequese teve de se extinguir. Magesse era favorável à mudança, mas não as forças de Coimbra e do Forte Príncipe da Beira que amotinaram-se contra o marechal que, ordenando aos oficiais de Vila Bela a contenção do levante, foi deposto por estes. Diante disso, duas juntas governativas são formadas: uma em Vila Bela e outra em Cuiabá. Em 1835, a junta da velha capital é extinta e Cuiabá passa a ser a nova capital da província. Em 1892, com o palácio de Casalvasco já em ruínas, a imagem de Santo Antônio é levada pelo zelador da igreja local para a Matriz de Vila Bela.

2008, em Casalvasco, de vestígios que remontam a esse tempo restam apenas um sino que data de sua fundação e poucas imagens de santos em madeira que ficam numa capela à frente uns 3 ou 4 metros, aproximadamente, de onde originalmente funcionou a primeira igreja ali erigida. Quanto às ruínas, elas resistem e se restringem aos alicerces das edificações em pedra canga, que lá existiram. O acesso a Casalvasco hoje se faz pelo rio cuja travessia de barco é feita por dois homens que, segundo eles, seriam descendentes de negros que lá habitaram nos tempos coloniais. Embora tenham casas no perímetro urbano de Vila Bela, costumam ir a Casalvasco para alimentar algumas poucas cabeças de gado que criam. No local, além da capela em

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

	alvenaria, há dois barracões de madeira que lhes servem de alojamento.		
REGISTROS	Festanção de Vila Bela da Santíssima Trindade	Nº 28	Cf. Anexo 2
CONTATOS	Nazário Frazão de Almeida, Zeferino Profeta da Cruz, Elízio Ferreira de Souza, Belmond Berchaman	Nº 22, 27, 14, 7	Cf. Anexo 4

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Francisco Xavier (região de quilombo e atual área de mineração, explorada pela Mineradora Serra da Borda)				IDENTIFICADO		6	
					SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1736 (ano de fundação)	LUGAR	Atualmente pertence ao município de Pontes e Lacerda (65km de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT)				
DESCRIÇÃO	As origens da fundação da antiga cidade de Matto Grosso (hoje Vila Bela) passam pela região onde, em 1736 será denominado Arraial de São Francisco Xavier, formado por ocasião da exploração mineral de ouro na região. Consta do livro <i>Datas mato-grossenses</i> de Estevão de Mendonça que, segundo Teixeira de Mello, em 1734, em sua <i>Ephemerides nacionaes</i>, os irmãos sorocabanos Fernando e Arthur Paes de Barros saem de Cuiabá e descobrem as ricas minas do rio Galera, um dos afluentes do Guaporé, oriundo das fraldas de São Francisco Xavier, local onde levantaram um templo sob essa invocação. Nessa ocasião, respondia pela capelania dessas minas o padre Manoel da Silva Moreira, cujo provimento de três anos não chegou a completar por motivos de doença. Em seu lugar assumiu interinamente como capelão o Reverendo Doutor Antônio dos Reis de Vasconcelos que já havia auxiliado o padre várias vezes devido à sua doença. No ano de 1746 deu-se início, no arraial, à construção à nova igreja de São Francisco Xavier, no lugar da antiga capela que ali foi erigida, de pedra e coberta de telha. Essa obra foi paga à custa de doações da Irmandade do Santíssimo Sacramento e de esmolas do povo. Com a decadência da mineração sucedeu-se a diminuição dos moradores. Além disso, o ataque de índios, a falta de alimento e pragas levou as autoridades lusitanas a se instalarem em Vila Bela e deixarem o povoado de São Francisco Xavier. Abandonado, novo povoado surge com a fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 19 de março de 1752, no local do antigo Arraial do Pouso Alegre, por Antonio Rolim de Moura, primeiro capitão-general de Mato Grosso. Em 1754, realiza-se a solenidade da Semana Santa na capela de Santo Antônio, que serviu de matriz, a partir da ordem do Rio de Janeiro, do Bispo D. Antônio do Desterro, que mandou que a freguesia, antes situada na capela de São Francisco Xavier da Chapada, ficasse ali constituída em Vila Bela como matriz da Santíssima Trindade. Segundo o arqueólogo Dr. Paulo Eduardo Zanettini, responsável por um projeto de escavações arqueológicas na região (Autorização: IPHAN/MinC, Portaria nº 342, de 24/10/06), os indícios encontrados mostram que as ruínas são oriundas de uma segunda construção erigida no arraial. A primeira estrutura, mais frágil, era de pau-à-pique e barro; posteriormente, com o crescimento do arraial foi substituída por uma estrutura de pedra. Observando as ruínas notam-se vestígios de estruturas de janelas e portas. O revestimento das paredes é de pedra e argamassa com cacos de telha e barro socado, cuja base, provavelmente, havia sido preparada para aplicação de alguma pintura natural ou coisa do gênero. No local hoje existem apenas as ruínas da igreja de São Francisco Xavier que foram tombadas em 2007 pela Secretaria do Estado de Cultura. Embora fisicamente o acesso não seja difícil, para se chegar ao local onde estão as ruínas da igreja é preciso solicitar autorização para visita monitorada por funcionários da Serra da Borda/YAMANA, empresa mineradora multinacional de origem canadense que explora ouro na região cujos destinos são os EUA e a Europa (Fotos 123 a 160, 168).							
	REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº-8, 42	Cf. Anexo 2	
	CONTATOS	Elizio Ferreira de Souza, Zeferino Profeta da Cruz, Nazário Frazão de Almeida				Nº14, 27, 22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Ruínas da Igreja de Santo Antônio dos Militares (Beira-rio)				IDENTIFICADO		7
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1º de junho de 1779	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT (antiga Villa Bella)			
DESCRIÇÃO	Em 1º de junho de 1779, realizou-se a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da igreja de Santo Antonio dos Militares, com a presença do capitão-general Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, o patrocinador da obra. <i>“Está construído este templo debaixo da ordem composita, tem 40 palmos de largo, 56 de alto e 85 de comprimento até o arco da capella-mór, o qual tem vinte de largo e 30 de alto e se acha bem figurado nas suas bases e capiteis, com as pilastras e sua volta almofadadas, seguindo tudo a mesma ordem.</i> <i>Tem a capella-mór 42 palmos de comprido, 33 de largo e 35 de alto. Tem 4 degrãos que sobem para o presbiterio. Aformoseia a capella-mór o throno que contém 6 degrãos. No primeiro está o sacrário de madeira fina com fechadura e chave de prata, forrado por dentro de damasco branco e guarnecido de galão de ouro. No ultimo está o docel do S.S. e no terceiro está collocada a veneranda imagem do milagroso santo, de estatura de sete palmos, vestido ou estofado ricamente na cor de burel e ouro. A mesma imagem tem na cabeça um resplendor de prata em figura circular. O Menino Jesus e o levado em suas mãos tem também uma coroa de prata com oito imperiaes, rematada por uma bem composta cruz.</i> <i>Tem este templo no lugar próprio a balaustrada que atravessa o corpo da igreja, com dous confissionarios da melhor madeira do paiz.</i> <i>Da parte de dentro da porta principal está o côro descansado em duas columnas, o qual tem 43 balaustres, e 4 pilastras de madeira de cores. O mesmo côro fôrma três lanços de tribuna, a saber: dous sahidos nos lados e um recolhido no centro para o orgão.</i> <i>Dão ao coro formosa claridade duas janellas que lhe guarnecem os lados, além de uma janella que no frontespicio aformoseia aquelle prospecto.</i> <i>Tem na frente mais alta 50 palmos de altura e como remate uma bem lançada, aberta e refendida cruz de madeira solida e duravel, figurada em côr preta, guarnecendo-lhe os lados duas piramides sobre os cunhaes correspondentes e proporcionados á obra, no correr da qual tem mais uma pequena cruz no fundo e na mais alta parte da capella mór.</i> <i>Tem mais este templo seis portas, a saber: 3 na frente, 2 nos lados direito e esquerdo 1 que dá entrada na sacristia; todas bem almofadadas e refendidas, com boas e grossas ferragens e pintadas de encarnado.</i> <i>No corpo da igreja ha duas janellas de cada lado, correspondentes em feitto e pintura ás da frente. A capella-mór tem também uma de cada lado iguaes em tudo ás outras.</i> <i>Tem mais esta igreja na sua entrada e junto ao frontispicio o seu átrio que contém em si 45 palmos em quadro, com 8 pilastras na sua circumferencia que seguram o madeiramento que fôrma três vistosos lados.</i> <i>Em redor de toda esta obra corre um terrapleno de 280 palmos de comprido, 125 de largo e 4 de alto, paralelo às paredes do templo, com grande e proporcionado espaço. Para o dito terrapleno se sobe por uma escada de pedra que tem quatro degrãos. E no ambito do mesmo ha 37 laranjeiras, que com suas flôres e fructos convidam áqueles logar os devotos do santo.</i> <i>No lado direito, junto á frente, está a torre, em cujo logar se acham pendentes em suas portas dois bem proporcionados sinos, um maior e outro menor.</i> <i>No lado esquerdo da capella-mór está a sacristia que consta de 40 palmos de comprido e 30 de largo, com duas janellas para o mesmo lado e porta para a frente.</i> <i>No fundo da dita sacristia está um grande arcaz, com seis gavetas no centro e dous armários nos</i>						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

	<i>lados, obra toda bem almofadada e refendida, composta de molduras, tendo o dito arcaz 25 palmos de comprido, 5 de alto e 4 de largo, com suas ferragens douradas.”</i> Disso tudo o que se tem são ruínas há, aproximadamente, 100m da beira do rio Guaporé.					
REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade			Nº30	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Elizio Ferreira de Souza, Zeferino Profeta da Cruz, Nazário Frazão de Almeida			Nº14, 27, 22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Dança do Congo				IDENTIFICADO		8
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1832	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT (zona urbana)			
DESCRIÇÃO	De origem africana, a Dança do Congo faz parte da celebração de louvor a São Benedito durante a realização da Festança. Segundo registros, a Festança é realizada desde 1734, naquela época, em meados de julho, segundo Anais de Vila Bela do século XVIII. Conforme relatos orais e cartaz da Festança do ano 2008, essa celebração data de 1835. Por outro lado, Castelnau (1949: 345) afirmou ter encontrado em 1845 a população festejando Santo Antônio, enquanto que Severiano da Fonseca (1881:136) encontrou dados que remontavam a 1877, em fins de julho, como a data de realização de cultos em homenagem ao Divino Espírito Santo, Santo Antônio, São João, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Inicialmente a Festança se realizava nos meses de setembro, dado que era o período de folga dos negros que já haviam feito a colheita e preparado a terra para novo plantio. O objetivo da Festança era agradecer a colheita aos santos cuja devoção foi difundida pelos portugueses com sua chegada em Vila Bela em 1752. No primeiro dia de louvor ao santo preto, numa segunda-feira que precede a missa do Divino, desde às 4h, os dançantes do Congo já estão nas ruas da cidade e, ao toque dos tambores, anunciam sua passagem e o início do cortejo de busca dos festeiros que serão levados à praça central, onde acontecerá a missa. O primeiro a sair às ruas é o tocador de tambor que reúne os demais membros até que, completa a guarnição, saem em busca dos festeiros. Após deixarem os festeiros na igreja, os dançantes se dirigem para a casa do Juiz de São Benedito para tomarem o tradicional sopão. Em seguida, durante a realização da missa da qual não participam, os dançantes do Congo saem em formação e permanecem em descanso em outros dois lugares. Nesse momento, preparam os versos que serão dados no decorrer da dança e descansam. Ao término da missa, dá-se a conhecer os nomes dos festeiros de 2009. Há queima de fogos e o toque dos sinos. Nisso, os dançantes se preparam para retornarem ao local onde acontece a missa campal, para apresentação da dança. Nesse ínterim, há a apresentação da dança do Chorado. Depois, segue-se com a apresentação da dança do Congo. De 12 às 14h30, acontece o almoço oferecido pela Rainha da Irmandade de São Benedito, no Centro Comunitário. À noite, das 18 às 20h30, serve-se o jantar, também gratuito, oferecido pelo Rei de São Benedito. No dia seguinte, segundo dia de louvor a São Benedito, como na véspera os dançantes já estão na rua desde cedo para a escolha dos antigos e novos festeiros ao local em que será celebrada a missa campal. Deixados os festeiros para a missa, prevista para às 8h30, seguem para a casa de algum festeiro para o sopão e depois, para outros locais que possam acolhê-los durante o repouso (hotéis, clubes), enquanto aguardam o final da missa. Terminada a missa, há fogos e o toque dos sinos que informam o seu término. Nisso, os dançantes se põe em formação e retornam ao local para buscarem os antigos e novos festeiros que serão levados para o Centro Comunitário, onde acontece o almoço gratuito oferecido pela Juíza de São Benedito. Após o almoço, os dançantes do Congo saem para entregar os novos festeiros em casa. Às 18h, é servido o jantar oferecido pelo Juiz de São Benedito no Centro Comunitário. Para participar do Congo como figura, como chamam, era preciso se submeter a um teste de voz, conforme conta-nos o Sr. Germano Mendes, conhecido como Germaninho, que chama a atenção para as mudanças ocorridas atualmente no Congo: <i>"Nós entrava assim, no começo nós já ia ensaia pra vê quem passava na voz, então no meio tinha o maio, o meno, o mais véio. O meu pai também foi do Congo, meu pai foi violero do Congo também, então foi criado assim, então eu entrai assim, pela voz que eu tinha, respeitado de mais véio. Nós entrava assim era dominado por mais véio que tinha ali no Congo. Quem dominava nós era o secretário, o secretário que dominava toda festa do Congo, ninguém metia a boca, por que ele era o chefe nosso, também se uma autoridade da policia também tem o chefe dele então era a mesma cosa. Então ele que dominava, levava nós em qualquer luga não podia sai enquanto ele não dava a</i>						

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

	<i>ordem, se saia de assim na mema hora vortava por que ele não podia sai da festa durante, nem antes da festa, e ninguém metia a boca nesse aí, era só ele que dominava a festa do Congo, então eu fui entra assim, desse jeito assim. Ai ia ensaia, ia pro ensaio então, por que ensaia tudo fechado, ninguém via nem o festero não via, ninguém via a festa, só via no dia que tava na porta da igreja (...) vocês vão vê , então só via na porta da igreja que chegava que encontrava lá. Por isso é que a briga era por causa disso o encontro dos dois briga, se o reinado pro outro reinado, nós viemo de outro reinado, porque nós não é dono da festa é o reinado que é dono da festa, tão entendeno? Então nós viemo traze uma carta pro rei que queria na filha dele pra casa com o outro rei, nós vinha busca, a coisa vinha busca essa menina, e dava aquela carta pra ele lê aquela carta, então nós vinha buscar, então tinha que prestar bem atenção.”</i> A dança do Congo consiste na representação (Fotos 284-301, 303) de uma luta simbólica entre dois reinados negros, travada entre o Rei do Congo e o Rei de Bamba. Os principais (Fonte: BANDEIRA, Maria de Lourdes. <i>Território negro em espaço branco</i>. p. 233-237, Brasiliense, 1988)					
REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade			Nº 3, 9, 10, 21, 39, 40, 58, 59	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Antonio Carneiro Neto, Antonio Floriano Fernandes de Souza, Urbano Fernandes Leite, Nazário Frazão de Almeida			Nº 3, 4, 23, 22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Dança do Chorado				IDENTIFICADO		9
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	s/d	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	O Chorado ou Dança do Chorado é dança de origem africana, parte integrante da Festança. Sua apresentação se dá na segunda-feira, primeiro dia dos festejos dedicados a São Benedito, logo após a celebração da missa em louvor ao Santo e antes da Dança do Congo. A dança se mantém como prática religiosa afro-brasileira e importante enquanto expressão visível da tradição do povo vila-belense. As dançarinas ouvidas durante a pesquisa revelaram que aprenderam com avós, mães ou pessoas muito próximas a elas. São mulheres professora, aposentada, servidoras públicas municipais, lavradoras, donas de casa. A fim de manter a tradição, por iniciativa de uma das dançantes e professora, foi criado o Choradinho, que conta em sua formação com a participação de adolescentes. São meninas que tocam, cantam e dançam as mesmas músicas executadas pelo Chorado adulto. Segundo relato oral, o Chorado era dançado por escravas para os seus senhores como meio de pedir-lhes a redução/alívio dos castigos e penas impostas aos maridos e filhos nos trabalhos forçados na roça. Na década de 80, era uma dança de cozinheiras e, aos poucos, passou a ser uma dança de apresentação em eventos durante a gestão do prefeito Íris e Tito. Quando não tinha o lenço para amarrar o sirimão*, colocava uma rosa no bolso dele, dançavam com a rosa do lado da cabeça e uma garrafa de aguardente. Antecede a apresentação, os ensaios e a preparação do vestuário que consiste em vestidos longos, com estampas remissivas à África e adereços (colares, pulseiras e brincos) que complementam a ornamentação do vestuário das dançarinas. Estes objetos são obtidos com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e dançarinas; quanto à confecção das roupas, fica a cargo das dançarinas. Tambor, violão e atabaque são os instrumentos musicais comumente utilizados para a execução das melodias que dão ritmo à dança. Instrumentos musicais e garrafas, tudo é obtido em parceria do grupo e Prefeitura do município. Antigamente as mulheres dançavam na cozinha, tendo sob a cabeça garrafas de pinga cuja bebida era oferecida aos senhores durante a realização da dança. Com gingados diversos, as dançarinas trazem sob suas cabeças garrafas de canjinha e não mais de cachaça. As músicas que são executadas pelos músicos e três dançarinas que cantam enquanto as demais dançam músicas de tratam de mágoa, conquistas, paixões e namoros. O agenciamento do lugar para apresentação do Chorado é de responsabilidade do padre, prefeitura e população. Sob o nome de Associação Cultural da Dança do Chorado, o grupo prevê na composição de sua estrutura uma presidência, uma secretaria, um conselho fiscal e os membros, funções estas assumidas por mulheres. OBS.:* “esse irmão” expressão designativa aos homens que, passando à porta da cozinha onde estavam, curiosos aos vê-las dançar sensualmente, eram “presos” pelas dançarinas na cozinha. Para sua soltura, era necessário que “pagassem” com algum objeto ou dinheiro às cozinheiras						
REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade (Chorado)				Nº1, 4, 39, 40, 57	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Astrogilda Leite de França, Ana Maria Marques de Almeida, Dirce Maria de França Assunção, Elizio Ferreira de Souza, Mância Frazão de Almeida, Nazário Frazão de Almeida, Nemézia Profeta Ribeiro				Nº01, 02, 12, 14, 20, 22, 23	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	Artesanato				IDENTIFICADO		10
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☒ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	s/d	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	Em Vila Bela, além das danças, há ainda o artesanato como expressão da cultura de Vila Bela. Potes, panelas de argila, bonecos e flores de palha são um dos objetos que se formam da argila e da palha nas mãos da artesã Marina de Albuquerque que descobriu o gosto pelo artesanato a partir de um curso realizado em 2003 no Centro Comunitário de Vila Bela. Também há bonecas e bonecos africanos moldados em cerâmica, garrafas miniaturas de canjinha adornados com motivos africanos.						
REGISTROS	Formas de Expressão de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº-4, 39, 40	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Marina de Albuquerque, Beatriz Maria Profeta da Cruz				Nº-21, 6, 11,	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

2.4. LUGAR

DENOMINAÇÃO	Arraial de São Francisco Xavier (região de quilombo e atual área de mineração, explorada pela Mineradora Serra da Borda)				IDENTIFICADO		11	
					SIM	NÃO		
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☒ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☐ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☒ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1736 (ano de fundação)	LUGAR	Atualmente pertence ao município de Pontes e Lacerda (65km de Vila Bela da Santíssima Trindade-MT)				
DESCRIÇÃO	As origens da fundação da antiga cidade de Matto Grosso (hoje Vila Bela) passam pela região onde, em 1736 será denominado Arraial de São Francisco Xavier, formado por ocasião da exploração mineral de ouro na região. Consta do livro <i>Datas mato-grossenses</i> de Estevão de Mendonça que, segundo Teixeira de Mello, em 1734, em sua <i>Ephemerides nacionaes</i>, os irmãos sorocabanos Fernando e Arthur Paes de Barros saem de Cuiabá e descobrem as ricas minas do rio Galera, um dos afluentes do Guaporé, oriundo das fraldas de São Francisco Xavier, local onde levantaram um templo sob essa invocação. Nessa ocasião, respondia pela capelania dessas minas o padre Manoel da Silva Moreira, cujo provimento de três anos não chegou a completar por motivos de doença. Em seu lugar assumiu interinamente como capelão o Reverendo Doutor Antônio dos Reis de Vasconcelos que já havia auxiliado o padre várias vezes devido à sua doença. No ano de 1746 deu-se início, no arraial, à construção à nova igreja de São Francisco Xavier, no lugar da antiga capela que ali foi erigida, de pedra e coberta de telha. Essa obra foi paga à custa de doações da Irmandade do Santíssimo Sacramento e de esmolas do povo. Com a decadência da mineração sucedeu-se a diminuição dos moradores. Além disso, o ataque de índios, a falta de alimento e pragas levou as autoridades lusitanas a se instalarem em Vila Bela e deixarem o povoado de São Francisco Xavier. Abandonado, novo povoado surge com a fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade, em 19 de março de 1752, no local do antigo Arraial do Pouso Alegre, por Antonio Rolim de Moura, primeiro capitão-general de Mato Grosso. No local hoje existem apenas as ruínas da igreja de São Francisco Xavier que foram tombadas em 2007 pela Secretaria do Estado de Cultura. Embora fisicamente o acesso não seja difícil, para se chegar ao local onde estão as ruínas da igreja é preciso solicitar autorização para visita monitorada por funcionários da YAMANA, empresa mineradora multinacional de origem canadense que explora ouro na região cujos destinos são os EUA e a Europa (Fotos 123 a 160, 168).							
	REGISTROS	Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº8, 42	Cf. Anexo 2	
	CONTATOS	Elizio Ferreira de Souza, Zeferino Profeta da Cruz, Nazário Frazão de Almeida				Nº14, 27, 22	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

DENOMINAÇÃO	CANJINJIN					IDENTIFICADO		12
						SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO							
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA							
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1988 (data provável)	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT				
DESCRIÇÃO	Antigamente era bebida restrita dos dançantes do Congo, de consumo durante os dias de apresentação para que não ficasse rouco. Hoje em dia há, inclusive, uma cooperativa destinada à produção do canjinjin para comercialização. Apesar da restrição da divulgação de seu modo de fazer e consumo da bebida apenas pelos dançantes, de alguma maneira todos os vila-belenses detêm o conhecimento do “segredo” da fabricação do canjinjin que eles próprios fazem e vendem aos visitantes durante a Festança. Beatriz Profeta, em documentário realizado pelo Globo Rural na Festança de 2004, explica as etapas para a fabricação do canjinjin. Os ingredientes, canela, cravo e gengibre do mato, são socados no pilão até virarem pó, depois disso, acrescenta-se-lhes o mel e a pinga. Em seguida, põe-se uma mistura líquida, não revelada. Tudo posto, a mistura vai ao fogo até abrir fervura. Depois a bebida fica em descanso por 3 dias para curtir. Sobre essa bebida, em entrevista realizada no dia 24/07/2008, o Sr. Germaninho, como é conhecido entre os amigos, disse que antigamente bebiam pinga curtida em especiarias, mas não tinha esse nome e revela como e a partir de quando ela passou a ser denominada canjinjin. Disse ele: “O canjinjim memo direito, foi feito memo de acordo memo, foi ta com, mais ou menos 20 anos, menos de 20 que saiu mesmo. Quer dizer, que foi feito assim. Então naquele tempo a pinga era difícil, não era qualquer um. A criançada, a rapaziada de menor não bebia. Então era só aqueles véio, mais idoso que bebia aquela bebida porque se vê um negócio, os dançantes durante o tempo que tava na festa não bebiam, pro se vê a diferença. Ele não bebia vinho, não bebia aloá, não comia doce, esse biscoitinho que tão dano não dava pra ele. Tudo isso pra não ficá roco. Então tinha uma disciplina danada, porque uma disciplina durante os tempo não dava nada, agora depois que terminava se ia recebia aquele que era do cê tava tudo guardado. O festero guardava. Então não preocupava com nada, comida, aqueles tempo a comida assim, cada festero dava uma comida, e outro dá pros dançante. (...) Quando começemo a bebe então já botava o, começo um vidrinho, né. Quem bebia bastante já botava um vidro maió. Então só pra moia a guela. Quem num queria, eu ia fazia força. Vamo bota açúca, vamo bota gengibre, vamo bota cravo. Começo isso aí. Foi virando canjinjin. Não sei o que, coloco adoçado ou seja bota um melzinho. A bebida era de acordo com quem quisesse, era bom pra bebe,ele fazia a mistura. Nós mesmos é que preparávamos, não tinha ninguém. Nós mesmos é que tínhamos de fazer. Então era feita (a bebida) por nós mesmos. Foi inventado por nós mesmos. Só nsse momento, durante a festa só que nós bebíamos. Aí já começou outro provando, foi provando daqui, ,mexeno dali, foi provando. Um saía e provava, achava que gosto, que temperinho que tinha nele e foi que estragou tudo. Aí um sobrinho meu, Alinor, quando provou gostou, acho bom. Daí já foi bem apurado. Aí ele foi que deu o nome (à bebida), não era kanjinjim. Não existia kanjinjin, o kanjinjin foi o Alinor é quem pôs. Era pinga, era pinga mesmo. Então era pinga, botava a pinga e misturava com açúcar. Algum botava vinho misturado, botava açúcar nele, cravo, canela e erva doce, que era para botar o cheiro nele, dar um gostinho. E gengibre, o gengibre, esse estava mesmo por caso da garganta, gripe. Então tomava muito. Eu mesmo cantava o tempo intero com gengibre na boca, o tempo inteiro com ele. Todo o tempo que tava cantando, o gengibre era para ficar na boca o tempo inteiro. Eu cantava com ele na boca.” (Germano Mendes, entrevista realizada em Vila Bela, em 24/07/2008)							
REGISTROS	Ofícios e Modos de Fazer de Vila Bela da Santíssima Trindade					Nº 2, 29, 39, 40	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Urbano Fernandes Leite, Germano Mendes					Nº-17, 26	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	BISCOITO DE RAMOS				IDENTIFICADO		13
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Desde 1832	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	O biscoito de Ramos, segundo fontes orais, faz parte das tradições gastronômicas ligadas à Festa. Feito de polvilho ou de trigo, é modelado manualmente com o garfo que auxilia a dar-lhe o formato de flores, folhas, cacho de uva, palmeiras (Fotos 407). Antes era feito para ser entregue a todos os visitantes após a realização das rezas cantadas e ladainhas. Atualmente as matérias-primas utilizadas foram mudadas tendo em vista a disponibilidade do produto no mercado e a facilidade de manuseio, incluindo-se o uso de equipamentos eletrodomésticos para o preparo da massa que, antigamente, era feito estritamente à mão. Ao falar da feitura do biscoito de Ramos, a Sra. Ana Jonas descreve os ingredientes e modo de fazer antigamente e hoje em dia: <i>“Eu aprendi com minha mãe. Sempre a vi fazer. Ela estava fazendo. Quanto tinha festa, o pessoal a chamava para fazer o biscoito e eu a acompanhava. Afinal, eu não sei como aprendi fazer o biscoito. Hoje eu faço o biscoito para o pessoal. Às vezes pedem receita e acham que a gente não tem. Eu faço baseado. De primeiro não colocava trigo, agora eu coloco um pouquinho de trigo. Era só o polvilho mesmo de mandioca. Eles faziam aquele mingau. Era diferente, era com gordura de porco. Nunca amassei, eu não sei com gordura de porco, só com manteiga. Antigamente só fazia biscoito de ramos assado na folha de banana. É para assar no forno. Enrolava na mesa e na hora de assar pegava aquela folha, botava na pá. Assim metia no forno e assava. Ele fazia ficar bem duro, parece que é a folha de banana. Dizem que soa e segura o biscoito.”</i> (Ana Jonas Coelho de Brito, em Vila Bela da Santíssima Trindade, em 25/07/2008) <i>“Não tem forma não, a gente vai inventando. Ontem, nós fizemos na Deise. Fizemos na tia Andreza, hoje está fazendo lá na Deise. Agora eles fazem para dar para as autoridades, para mostrar também. Porque é uma coisa que está perdendo já o espaço e nós não podemos deixar perder. Os ramos, a gente vai inventando. Cada um vai inventando, vai fazendo flores.”</i> (Dirce Leite França, em Vila Bela da Santíssima Trindade, 14/07/2008)						
REGISTROS	Ofícios e Modos de Fazer de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº 13, 16	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Ana Jonas Coelho de Brito, Deize Coelho de Barros				Nº 1, 10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	BOLACHINHA AFRICANA				IDENTIFICADO		14
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	s/d	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade-MT			
DESCRIÇÃO	A bolachinha é um biscoito tradicionalmente servido após as Rezas Cantadas e Ladainhas em Vila Bela, durante a Festança que acontece em Julho. A Sra. Bernadina, merendeira escolar, nascida no Areião, município de Vila Bela, diz que aprendeu a fazê-la em com a avó em Vila Bela mesmo. Diz ela que antes faziam somente o biscoito e que, com o passar do tempo, foram mudando a receita, resultando na bolachinha, mais simples na feitura por não serem decoradas como os biscoitos de Ramos. Todo ano ela é convidada pelos festeiros para fazer a bolachinha. A receita, já ensinou as filhas, amigas e visitantes que lhe pediram. A bolachinha é feita quinze dias antes da festa, ensacolata, é guardada para ser servida após as rezas e na cerimônia de entrega dos festeiros. Elas compõem os produtos do tradicional beseque que é servido aos festeiros, devotos, visitantes após as rezas nas casas dos festeiros. Trata-se de uma forma de agradecimento, de recepção aos participantes. Às vezes, quando há encomendas faz as bolachinhas para serem vendidas.						
REGISTROS	Ofícios e Modos de Fazer de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº 2, 19	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Bernadina da Silva Coelho, Ana Jonas Coelho de Brito, Deize Coelho de Barros				Nº 8, 1, 10	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	CHICHA ou ALUÁ				IDENTIFICADO		15
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante a Festança, desde 1832	LUGAR	Vila Bela da Santíssima Trindade			
DESCRIÇÃO	Feita de milho, um dos principais produtos da dieta alimentar dos vila-belenses, a chicha é uma bebida tradicional integrante do beseque oferecido pelos festeiros após as rezas nas casas e durante as alvoradas nas ruas de Vila Bela da Santíssima Trindade, por ocasião da Festança. O beseque, que consiste no oferecimento do aluá ou chicha, biscoitos, leite de tigre (feita de leite, pinga e coco), bebidas licoradas de frutas (maracujá, figo), é uma forma de agradecimento aos participantes da Festança. Seu preparo é de conhecimento das pessoas mais velhas, sobretudo das mulheres que procuram ensinar aqueles que pedem e aos filhos. Conforme a Sra. Mância hoje em dia é mais prático porque é só comprar o fubá de milho, torrar e cozinhar-lo. Ela diz: "Chicha, ela é africana, porque o índio, a chicha de todo o tempo o índio fazia é de mandioca. Eu sei fazer de mandioca também. Para a chicha africana, nós torraramos o milho, nós torraramos o milho, a gente soca no pilão e aí cõa. Aí cozinha ele e aí faz a chicha. Esse que eu fiz hoje, comprei o fubá que já facilitou mais. Comprei o fubá, torrei e cozinhei. É que já tem o fubá e antes não. A gente quebrava o milho, botava na água por 6 dias e levava para socar no pilão. Em seguida socava para poder torrar a farinha." Dentre os antigos, há quem distinga a chicha do aluá. Para eles, a chicha é a bebida dos bolivianos e demais povos indígenas de origem andina que data do Império Inca. Seu preparo consiste na mastigação do milho que, posteriormente, será cuspidos em caldeirão de água fervente. Após sua fermentação, a bebida está pronta para ser servida. Portanto, é no modo de fazer que está a diferença entre a chicha boliviana e o aluá dos vila-belenses. Quanto ao aluá, é uma bebida de origem indígena feita com a fermentação de grãos de milho moídos. Marina de Albuquerque, artesã e dançarina do Chorado, nos ensina as etapas para a produção do aluá: "Esse aqui a gente torra no forno, do jeito que está aqui na forma. A gente torra o milho inteiro no forno, depois coloca no pilão, quebra um pouco e põe na panela para cozinhar. Depois de cozido, leva-se para o pilão de novo, soca e bate no liquidificador. Depois cõa, adoça com gengibre. É muito gostoso." No Acre e na Amazônia é comum utilizarem o milho triturado ou a farinha de milho; em outras regiões do Belém, usam-se cascas de frutas como o abacaxi, raiz de gengibre, (esmagada ou ralada), açúcar ou caldo de cana e sumo de limão. A bebida também é conhecida por aruá. Para o preparo do aluá vila-belense é preciso: 15 kg de milho seco, 4 pacotes de 2kg de açúcar, 1 ½ kg de gengibre, 60 litros de água. <u>Modo de fazer:</u> Lava-se o milho e coloca para escorrer. Depois, põe-se numa panela e leva ao fogo para torrar. Coloca-se o milho em uma panela para cozinhar em água fervendo. Cozido, o milho é batido no liquidificador ou no pilão e depois passado na peneira. Sova-se o gengibre dentro de um pano e deixa reservado. Num galão, coloca-se o líquido coado na peneira, acrescenta-se água, o açúcar e o gengibre, misturando bem. Põe-se gelo e está pronto para ser servido. Essa bebida é apreciada pelo povo e servida também em aniversários, em casa, em substituição ao suco. Apesar da distinção dos nomes "chicha" e "aluá", a maioria se refere à bebida por chicha. Fontes: http://pt.wikipedia.org/wiki/Alu%C3%A1 e entrevistas realizadas em Vila Bela da Santíssima Trindade						
REGISTROS	Ofícios e Modos de Fazer de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº2, 10	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Gregória Marques Ramos, Ana Jonas C. de Brito				Nº1, 18	Cf. Anexo 4	

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	MT	01	00	20 08	F1-	A3
---	-----------	-----------	-----------	------------------	------------	-----------

DENOMINAÇÃO	RAPA				IDENTIFICADO		16
					SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☒ OFÍCIO						
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA						
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	s/d	LUGAR	Vila Bela (na casa do festeiro, no último dia de festa)			
DESCRIÇÃO	O rapa consiste numa reunião promovida pelos festeiros quando, entre eles, preparam a cabeça que restou do boi abatido, que serviu para alimentar a comunidade e visitantes durante a Festança. Inicialmente a cabeça é lavada e a parte posterior, próxima ao pescoço é costurada. Em seguida, retira-se do forno de barro, já aceso com muita lenha, o excesso de brasa. A boca do forno é fechada com tijolos e cimento e a cabeça é assada apenas na caloria durante a noite. Assada, a cabeça é servida no dia seguinte à hora do almoço.						
REGISTROS	Ofícios e Modos de Fazer de Vila Bela da Santíssima Trindade				Nº—NÃO HÁ	Cf. Anexo 2	
CONTATOS	Nazário Frazão de Almeida, Nemézia Profeta Ribeiro				Nº—22, 23	Cf. Anexo 4	

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	SUZE S. OLIVEIRA, MARLENE GONÇALVES, MARIA DE LOURDES BANDEIRA, KARLA SYMONE F. DE BRITO CAVALCANTI, LIDIANE AUGUSTA COELHO DE BARROS, LUCINETE DOS SANTOS RIBEIRO, ROSA BETÂNIA VELOSO SILVA BRITO, PAULO COELHO DE OLIVEIRA, JOSIANE ORTIZ GERALDES, ANTONIO DE OLIVEIRA COSTA NETO, YURI KOPCAK		
SUPERVISOR	Emanuel Oliveira Braga		
PREENCHIDO POR	Suze S. Oliveira e Marlene Gonçalves		DATA 15/02/2010
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Maria de Lourdes Bandeira		